

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ**  
**SETOR DE EDUCAÇÃO**  
**DEPARTAMENTO DE PLANEJAMENTO E ADMINISTRAÇÃO ESCOLAR**  
**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO**  
**PEDAGÓGICO**

**ENSINO POR CICLOS DE APRENDIZAGEM:**  
**ESTUDO DAS MUDANÇAS NAS PRÁTICAS DOS PROFISSIONAIS DA**  
**ESCOLA, APÓS A IMPLANTAÇÃO DO ENSINO POR CICLOS NAS**  
**ESCOLAS MUNICIPAIS DE CURITIBA**

**CURITIBA**  
**NOVEMBRO/2003**

**OLGA NUNES**

**ENSINO POR CICLOS DE APRENDIZAGEM: ESTUDO DAS MUDANÇAS  
NAS PRÁTICAS DOS PROFISSIONAIS DA ESCOLA, APÓS A  
IMPLANTAÇÃO DO ENSINO POR CICLOS NAS ESCOLAS MUNICIPAIS  
DE CURITIBA**

**Monografia apresentada para conclusão do Curso de Especialização em Organização do Trabalho Pedagógico, ofertado pelo Departamento de Planejamento e Administração Escolar (DEPLAE) do Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná, tendo como orientador o Professor Doutorando Ângelo Ricardo de Souza, para obtenção do título de Especialista.**

**CURITIBA**

**NOVEMBRO/2003**

Ao Professor Doutorando Ângelo Ricardo de Souza, pelo apoio, orientação e incentivo constante.

Sente-se a moçada descontente onde quer que se vá

Sente-se que coisa já não pode ficar como está

Sente-se a decisão dessa gente em se manifestar

Sente-se o que a massa sente, a massa quer gritar:

“A gente quer mu-dança

O dia da mu-dança

A hora da mu-dança

O gesto da mu-dança”

Sente-se tranqüilamente e ponha-se a raciocinar

Sente-se na arquibancada ou sente-se à mesa de um bar

Sente-se onde haja gente e logo você vai notar

Sente-se algo diferente: a massa quer se levantar

Pra ver mu-dança

O time da mu-dança

O jogo da mu-dança

O lance da mu-dança

O eterno deus Mu Dança

Gilberto Gil (1989)

## SUMÁRIO

|   |    |
|---|----|
| <b><u>SUMÁRIO</u></b> .....   | iv |
| <b><u>1. INTRODUÇÃO</u></b> .....   | 1  |
| <b><u>2. CICLOS DE ENSINO: MUDANÇAS NA ESTRUTURA DO ENSINO E MUDANÇA NA PRÁTICA DOCENTE</u></b> ..... | 4  |
| <b><u>3. ENSINO POR CICLOS: CONCEPÇÃO DE ENSINO/APRENDIZAGEM</u></b> .....                            | 10 |
| <b><u>4. O INTERIOR DA ESCOLA APÓS A IMPLANTAÇÃO DO ENSINO POR CICLOS DE APRENDIZAGEM</u></b> .....   | 13 |
| <b><u>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS</u></b> .....   | 30 |
| <b><u>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</u></b> .....  | 32 |

## 1. INTRODUÇÃO

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação 9694/96 torna possível às instituições, organizarem o ensino de outro modo que não fosse somente através de séries anuais, conhecidas como seriado<sup>1</sup>.

Nascem então, em vários estados brasileiros, tendo como pano de fundo a nova LDB e o Plano Nacional de Educação, movimentos nas secretarias de educação dos estados e nas prefeituras, incentivando a que estudos e discussões por docentes, comunidades e universidades fossem realizadas, com a finalidade de mudanças efetivas na reorganização das escolas por série<sup>2</sup>. Em vários estados e municípios do Brasil, foram implantados os ciclos<sup>3</sup> sob o escudo dos governos vigentes e naturalmente, à luz das idéias que estes têm de homem e sociedade.

Em 1999, a Secretaria Municipal de Educação de Curitiba apresentou às equipes pedagógicas administrativas das escolas, dois documentos: *“A Escola Municipal e os Ciclos de Aprendizagem – Proposta de Implantação”* e a *“Escola Municipal e os Ciclos de Aprendizagem – Projeto de Implantação”*.

Sob pressão da Secretaria de Educação do Município de Curitiba, algumas escolas optaram por aderir ao projeto imediatamente, transformando a seriação em ciclos, outras rejeitaram o Projeto e outras ainda, aderiram parcialmente transformando somente algumas séries em ciclos.

Logo em seguida, em setembro de 2000, a Secretaria Municipal de Educação de Curitiba, lançou outro documento, *“A Escola Municipal Organizada em Ciclos de Aprendizagem – Diretrizes Curriculares – em discussão”*.

Em novembro de 2002, houve em Curitiba, o I Seminário sobre *“Ciclos de Aprendizagem e suas Implicações na Rede Pública de Ensino”*, organizado pela Câmara Municipal de Curitiba e coordenado pelo vereador Paulo Frote, onde foi possível aos

---

<sup>1</sup> LDB – Art. 23 – *A educação básica poderá organizar-se em séries anuais, períodos semestrais, ciclos, alternância regular de períodos de estudos, grupos não seriados, com base na idade, na competência e em outros critérios, ou por forma diversa de organização, sempre que o interesse do processo de aprendizagem assim o recomendar.*

<sup>2</sup> *A Escola organizada em séries é aquela que retém o aluno no final do ano, após avaliações que comprovem que o aluno não se apropriou dos conteúdos programáticos, tendo que iniciar tudo novamente, não de onde parou, mas todos os conteúdos daquela série.*

<sup>3</sup> *...os ciclos podem ser organizados com base na aglutinação de duas séries, como propõe o MEC, ou com base no princípio de que, para passar de um ciclo para outro, é necessário que um bloco de conteúdos seja assimilado pelo aluno, o que vem se constituir nos Ciclos de Aprendizagem. Além dessas duas perspectivas ainda existem os Ciclos de Formação ou as escolas por Fase de Formação, que buscam seus referenciais teórico-prático em autores da primeira metade do século XX, como Vygotsky, Wallon e Piaget.*

participantes terem uma visão de vários educadores de outros estados e de Curitiba, envolvidos nesta perspectiva de ensino e no qual já se traziam experiências concretas e que demonstraram alguns pontos positivos e outros negativos obrigando-os, portanto a repensarem o assunto.

Neste trabalho, o deputado federal Alceu Collares do RS, proferiu uma palestra com o título “*Ciclos – Avanço ou retrocesso na Educação*”, onde se mostrou muito sensibilizado, com as preocupações dos pais dos alunos e professores, tanto de seu estado como de outros onde os ciclos já haviam sido implantados, de que os alunos estão saindo do Ensino Fundamental sem saber ler e escrever e sem os rudimentos da matemática. Após os trabalhos do Seminário, o deputado citado, mostrou a intenção de discutir o assunto no âmbito federal, de mudar a LDB no que tange à organização das escolas brasileiras quanto aos ciclos, voltando à seriação sob a alegação que a Escola Pública havia perdido “qualidade”<sup>4</sup>, e que na maior parte dos casos, a progressão automática dos alunos é um fim em si mesmo e portanto não tem sentido continuar, podendo-se voltar ao ensino seriado. Não podemos desconsiderar que as lideranças políticas contrárias, muitas vezes, não fazem o devido estudo e deixam-se levar no calor das paixões partidárias.

A sensação de “*estar no olho do furacão*”, repetindo PEREZ GOMES (2001), vendo o chão se mover sob os pés, faz com que os professores fiquem totalmente aturdidos, estes que sempre sentiram-se seguros do que deviam ensinar e como ensinar, agora quando deparam-se com trinta e cinco pares de olhos buscando segurança e direção, questionam-se quanto à sua prática pedagógica e seus conceitos de aprendizagem, se estes estão dando conta dentro do que se espera de uma escola organizada em ciclos que, se tem o compromisso de não reter mais o aluno, também deve ter o de permitir que toda a criança saia desta escola, tendo adquirido os instrumentos rudimentares para que continue estudando, e não pare no meio do caminho e assim consiga ser um cidadão com uma sólida formação.

É um processo doloroso quando se desestabilizam as estruturas nas quais estamos há tanto tempo ancorados. É neste caos de sentimentos contraditórios e imensas incertezas que nasceu a necessidade de buscar identificar quais as mudanças perceptíveis que houve na prática pedagógica dos profissionais das escolas após a implantação do ensino por ciclos, como estão organizando seu trabalho com relação aos conhecimentos (por conteúdo, projeto, tema gerador ou outras modalidades) e se não houve mudanças, quais os motivos que estão impossibilitando-as. Parece ser uma situação séria demais, para não se refletir e avaliar o

---

<sup>4</sup> O termo “qualidade” foi usado pelo deputado, somente para demonstrar que os alunos estão saindo após 4 anos de estudo sem saber ler e escrever.

processo, considerando a importância que a escola e os professores representam para a sociedade.

Para buscar as respostas a estas questões, foi utilizada como metodologia, a pesquisa de campo, através de entrevistas semi-estruturadas, aplicadas às professoras e pedagogas, observações das aulas e cadernos dos alunos, leitura dos planejamentos, antes e após a implantação dos ciclos. A pesquisa de campo foi aplicada em duas escolas da Rede Municipal de Ensino de Curitiba, ambas trabalhando por Ciclos de Aprendizagem.

O primeiro capítulo deste trabalho aborda um breve panorama da educação do Brasil sob o ponto de vista econômico e o histórico dos Planos Nacionais de Educação desde 1930, discute-se os conceitos e idéias sobre o papel dos profissionais da educação, as implicações da cultura na educação formal, visão de currículo e planejamento. O segundo capítulo trata das concepções de ensino e aprendizagem que permeiam o ensino por ciclos. O terceiro capítulo descreve a pesquisa de campo e a análise da mesma e por fim a conclusão, apontando respostas, dúvidas e possíveis caminhos.



## **2. CICLOS DE ENSINO: MUDANÇAS NA ESTRUTURA DO ENSINO E MUDANÇA NA PRÁTICA DOCENTE**

Ao se fazer uma retrospectiva breve e despreziosa na história da educação no Brasil e focar a atenção na década de 80 para cá, vai se constatar que se intensificaram por parte de uma elite de pensadores capazes de uma análise da educação e sociedade, movimentos de mudanças na concepção de educação em nosso país.

Esta preocupação se deve principalmente ao grande número de excluídos que a escola tem produzido. E tem excluído justamente os filhos de trabalhadores, mais precisamente aqueles privados da cultura e de poder econômico, próprio da elite.

A história mostra que sempre houve mudanças na educação. Qual a pior, qual a melhor? Não se pode desqualificar o passado, sem estar desacreditando o presente e negando o futuro. Cada mudança representa seu tempo.

Estas mudanças que as escolas experimentam, trouxeram muitas inseguranças aos professores, que formados sob uma ótica do não questionamento, tendo os conhecimentos sob uma lógica das verdades puras, prontas e acabadas, basearam suas práticas neste mesmo sentido. Romper com a idéia de que o processo de ensino e aprendizagem não se faz por etapas e que em cada uma o conhecimento está esgotado, são mudanças que se fazem dolorosas. Isto porque grande parte dos seres humanos tende a uma acomodação e as transformações exigem esforço intelectual no sentido do rompimento com o estabelecido, com o hábito.

As grandes transformações e mudanças que a ciência e a tecnologia vão impondo em todos os segmentos da sociedade, e conseqüentemente no que isto implica, tem uma conseqüência direta na educação.

A comunicação de massa, notadamente a televisão, vai impondo outros valores, informações globais, instantâneas, que vão amortecendo os sentimentos, os interesses, dando uma impressão ilusória de que tudo está ao nosso alcance, é só esticar o braço.

São tantas as informações, tantas conquistas, tantos conhecimentos que levam os trabalhadores da educação responsáveis pela formação das novas gerações a não terem tanta segurança daquilo que é relevante ou acessório levar ao aluno.

As mudanças pretendidas na Lei de Diretrizes e Bases da Educação 9694/96, não vieram por acaso. Partem de uma visão mais crítica feita pela sociedade contemporânea e pelos educadores, preocupados com o fato que está se deixando de inserir centenas de meninos e meninas nesta mesma sociedade, por abandonarem seus estudos depois de vários

fracassos (reprovação). A culpa desta situação, é atribuída não só mas também, ao modo como a escola está organizada, por abandonarem seus estudos depois de vários fracassos (reprovação e repetência). Também se deve levar em conta que as Políticas Educacionais no Brasil ou outro lugar qualquer no mundo, estão diretamente ligadas às Políticas Econômicas adotadas naquele momento e estas ao conjunto de idéias e doutrinas: socialismo, capitalismo, liberalismo, pelas quais se pautam estas sociedades, pois são estas idéias que vão indicar os caminhos aos governantes para concentração, distribuição ou acúmulo do capital ou dos meios de produção. Como o sistema vigente no Brasil, assim como na América Latina é baseado no neoliberalismo<sup>5</sup>, que teve sua entrada, com exceção do Chile, segundo Fiori (1995), a partir da década de 80, através das negociações dos empréstimos e renegociações das dívidas externas, quando estes países passaram a negociar individualmente perdendo assim o poder de barganha, foram obrigados a aceitar as imposições dos modelos das agências de financiamento (Fundo Monetário Internacional e Banco Mundial), abrindo mão de definirem seus próprios modelos econômicos. Assim, todas as Políticas Públicas, inclusive a educação, tiveram que aceitar os pacotes prontos e pensados por técnicos, com o único interesse de obter o retorno do capital empregado, com considerável margem de lucro. Segundo TORRES (1996), o Banco Mundial é o que mais dita normas no campo da educação.

SAVIANI (1998), na análise que fez do Plano Nacional de Educação aprovado em 1998 e que vigorará pelos 10 anos seguintes, elaborou um breve histórico dos documentos que continham as idéias que permeavam a Educação desde 1930, levando-nos a compreender que por trás de cada documento, existem objetivos pelos quais se busca introduzir determinadas políticas para a Educação.

Já na década de 1930, havia idéias de se organizar um plano nacional de educação para o país, o qual só veio acontecer na década de 60. Durante o Estado Novo de Getúlio Vargas a idéia de plano era um instrumento de controle político-ideológico. De 1946 a 1964, limitava-se a distribuir recursos com a intenção de preservar a liberdade de iniciativa, devido ao objetivo do governo estar voltado para o desenvolvimento econômico-social do país. A partir de 1964, manteve-se o objetivo da modernização, porém se introduziu a racionalidade tecnocrática na educação, quando o MEC fica subordinado ao Ministério do Planejamento e seus atores são de formação correlata às ciências econômicas. Entre 1985 a 1989, sob a desculpa do combate ao autoritarismo foi introduzida a “racionalidade democrática” a qual

---

<sup>5</sup> Doutrina, em voga nas últimas décadas do século XX, que favorece uma redução do papel do estado na esfera econômica e social. Se contrapõe à tendência anterior da intervenção governamental, em economias

acabou por permitir o deslocamento dos recursos para práticas que favoreciam determinados setores. Por fim temos no atual Plano de Educação, que segundo o autor, está implantada a “racionalidade financeira”, caminho para realização de uma política educacional cujo objetivo é o acordo aos projetos da globalização através da redução dos gastos públicos e diminuição da interferência do Estado, com vistas a transformar o Brasil num atrativo ao capital financeiro internacional.

E o professor em seu afã diário, acostumado a ser um executor de idéias, receitas e teorias de outros, as quais vai incorporando-as sem entendê-las, nem se apercebe que vem servindo a uma ordem produtiva, onde na maioria das vezes, a importância do econômico e do técnico é supervalorizada, ou outras metas e objetivos que estão por trás dos planos, leis e diretrizes que são estudadas pelos profissionais das escolas, muitas vezes somente quando passam a fazer parte da história da educação.

A escola historicamente sempre serviu prioritariamente às classes dominantes e às necessidades do mercado, pois conhecemos de longa data a máxima “saber é poder”. Os que tinham acesso à escola eram na maioria das vezes as crianças de classes mais abastadas e os alunos então normalmente acabavam tendo sucesso.

Porém em história mais recente, todas as classes conquistaram o direito à escola e ao conhecimento. O professor, desconhecendo a gravidade, imagina que a educação se faz isenta de “juízo de valor” reforçando assim a velha concepção positivista<sup>6</sup>, sob o ponto de vista de GIROUX (1997).

A separação entre a concepção e ação na escola e a uniformização do conhecimento a fim de torná-lo de fácil gerenciamento e controle, assim como uma valorização excessiva das questões práticas, conseqüentemente determinarão no professor, uma diminuição do papel do intelectual crítico e que GIROUX (1997) chama de *pedagogia gerencial*, a qual busca soluções técnicas para as questões sociais e educacionais e ao não considerar as questões sociais, defende os meios e os métodos tendendo a submissão do conhecimento a regulamentos rígidos e uma rotina inflexível.

Contra este processo de desqualificação, GIROUX (1997) mostra a necessidade do professor repensar a natureza de seu trabalho docente e defende o professor como intelectual, raciocinando sobre os fundamentos teóricos que embasam sua prática e o sentido político de

---

*capitalistas, como resultado da adoção de políticas sociais de natureza assistencial e de políticas econômicas Keynesianas.*

<sup>6</sup> De acordo com LOWY (1991), ... “a concepção positivista é aquela que afirma a necessidade e a possibilidade de uma ciência social completamente desligada de qualquer vínculo com as classes sociais, com as posições políticas, os valores morais, as ideologias, as utopias, as visões de mundo...”

sua atuação, condições ideológicas, materiais e a visão dos interesses em conflito e não somente um cumpridor de manuais.

Ao fazer considerações do professor como *intelectual transformador*, GIROUX nos mostra também, a necessidade da escola se organizar diferentemente do modo como vinha sendo feito até agora, possibilitando ao docente mais movimento, uma maior flexibilidade, uma visão distanciada, um “ver de cima”, sair da sua prática “cega” tendo condições então, em questionar o Currículo e a reconstruí-lo se necessário, assim como o modo como a escola se organizou até agora.

A reprovação é altamente questionada, devido a exclusão que este fato provoca, de milhões de crianças que somente há poucas décadas puderam frequentar as escolas. O acesso está sendo possível, porém estas não permanecem, se evadem ou ficam vários anos repetindo as mesmas coisas. Esta situação vexatória para o aluno e profundamente desestimulante estava clara para os professores das escolas, mas não sabiam como sair do problema. É difícil imaginar um professor engajado, que não tenha se preocupado com seus alunos que não aprendem e que devem repetir tudo de novo. A sensação é de frustração e inutilidade.

Este fracasso das escolas públicas, (LIMA 1986; PERRENOUD 2000), não são atributos somente no Brasil, considerado país de terceiro mundo, mas também de países como França, Estados Unidos, Portugal, Espanha, Bélgica, etc. Todos em algum momento já tiveram ou tem que se debruçar sobre seu sistema de ensino que não está dando conta, excluindo uma grande parcela de seus cidadãos.

Sobre a prática dos professores, concernente à reprovação do aluno, VASCONCELLOS faz a seguinte observação:

*“Existem muitas gerações de educadores formados na lógica da avaliação autoritária, elitista. Se existe uma tremenda dívida social com as multidões que passaram pelos bancos escolares, há também uma dívida histórica para com os professores. Eles não pensam assim porque “nasceram” assim, mas porque foram educados dentro de uma concepção da reprovação como alternativa pedagógica” (1999, p.85).*

Mas o mesmo autor, também nos leva a uma reflexão sobre os riscos de uma mudança, como é o caso da escola organizada por ciclos, sem que haja uma efetiva participação dos professores no processo das mesmas, sob o perigo de só manterem a aparência, aceitarem formalmente e continuarem a fazer tudo como era antes, uma vez que havendo uma intencionalidade imposta, a mudança não acontece efetivamente devido não ter sido o resultado da elaboração e construção do sujeitos envolvidos.

Outros fatores existem e estão implicados neste processo de mudança, que embora largamente escrito sobre eles e debatidos, necessitam ser retomados.

Os alunos que a escola pública recebe são em sua maioria oriundos de classes baixas da população, classes médias baixa, e que queiramos ou não aceitar, possuem culturas diferentes daqueles que trabalham na escola, e entre si, fazendo do interior da escola um “caldo cultural” muito rico e diverso.

Esta é uma questão que não deve ficar indiferente aos profissionais da escola, porque determina a diversidade dentro da sala de aula, as quais em décadas anteriores não eram tão significativas, porque as experiências culturais dos alunos eram mais próximas, restando sutis diferenças culturais entre alunos e professores.

*“A análise do que realmente acontece na escola e dos efeitos que tem nos pensamentos, nos sentimentos e nas condutas dos estudantes requer descer aos intercâmbios subterrâneos de significados que se produzem nos momentos e nas situações mais diversas e inadvertidas da vida cotidiana da escola. As diferentes culturas que se entrecruzam no espaço escolar impregnaram o sentido dos intercâmbios e o valor das transações em meio às quais se desenvolve a construção de significados de cada indivíduo” (PEREZ GOMEZ, 2001, p.15).*

Para PÉREZ GÓMEZ (2001), a escola é uma instituição diferente das outras que promovem a socialização, porque tem a responsabilidade de mediar as diferentes culturas que convergem para o interior da escola, para que haja o desenvolvimento educativo.

*“O responsável definitivo da natureza, do sentido e da consistência do que os alunos e alunas aprendem em sua vida escolar é este vivo, fluido e complexo cruzamento de culturas que se produz na escola, entre as propostas da cultura crítica, alojada nas disciplinas científicas, artísticas e filosóficas; as determinações da cultura acadêmica, refletida nas definições que constituem o currículo; os influxos da cultura social, constituídas pelos valores hegemônicos do cenário social; as pressões do cotidiano da cultura institucional, presente nos papéis, nas normas, nas rotinas e nos ritos próprios da escola como instituição específica; e as características da cultura experiencial, adquirida individualmente pelo aluno através da experiência nos intercâmbios espontâneos com seu meio.” (PEREZ GOMEZ, 2001.p.15).*

Assim, pode-se dizer que a cultura é a própria instância onde os seres se tornam humanos. A cultura é dinâmica e se ela muda, temos que estar preparados para as mudanças.

Uma das necessidades que se faz urgente dentro das escolas, é mudar a visão de homogeneidade, que só existe no imaginário, porque ela não é real e nunca foi, é o que (PERRENOUD, 2000) propõe quando fala da necessidade de considerar as diferenças, colocando os alunos em condições de aprendizagem sem limitá-los as suas próprias singularidades individuais e culturais a fim de que, interagindo uns com os outros, todos se apropriem do conhecimento sistematizado.

Mas, o que é conhecimento?

Para LIMA (1986), “*conhecimento inclui a tecnologia, a cultura, as práticas culturais e a práticas de trabalho e os vários sistemas de linguagem (da linguagem de sinais à da informática)*”.

O conhecimento contém não apenas conceitos teóricos, mas também as ideologias, e para Paulo FREIRE, o conhecimento vem sempre carregado de intenções, de valores e não existe uma separação entre o conhecer e aquilo que se conhece. Ele também se opunha a visão que concebe o conhecimento sendo somente uma transmissão de acontecimentos e fatos para o aluno, onde este ouve falar de um mundo o qual parece não pertencer. Enfatizava a necessidade de um processo de construção e re-construção dos saberes para que este seja significativo e aprendido.

No documento da Secretaria de Educação de Porto Alegre, o qual traz os fundamentos da escola organizada em ciclos daquele município, o conhecimento está assim expresso:

*“Um processo humano, histórico, incessante, de busca de compreensão, de organização, de transformação do mundo vivido e sempre provisório, tem origem na prática do homem e nos processos de transformação da natureza. É também, uma ação humana atrelada ao desejo de saber. Só o homem, por ser pensante, pode ser sujeito: somente ele pode desejar a mudança, porque só a ele lhe falta a plenitude. (PORTO ALEGRE, 1996:35).*

Sendo assim, devemos nos deter sobre o currículo de uma escola organizada em ciclos, com a visão diferenciada do que deve se constituir um currículo tradicional com as relações dos conteúdos a serem transmitidos, vencidos no prazo de nove ou dez meses de cada ano.

Pensar o currículo nesta nova visão é refletir como a aprendizagem é construída no ser humano, mudar as relações de tempo e conhecimento, a utilização do conhecimento e as implicações do seu uso e como os conhecimentos modificam os processos do pensamento e de memória, é a proposição de LIMA (1986), baseados nos estudos de Wallon, o qual concebia a educação voltada para o homem e não aos interesses da economia ou outros. Defendia a educação como forma de promover a formação humana, respeitando suas fases. Colocava elementos como afetividade, emoções, movimento e espaço físico num mesmo plano, considerando a pessoa como um todo.

SANTOMÉ (1996) completa propondo um currículo integrado, partindo da premissa que cada estudante tem seu ritmo próprio de desenvolvimento, estratégias peculiares de aprendizagem, experiências pessoais, diferentes expectativas etc. Propõe que os conteúdos culturais sejam organizados de maneira significativa no currículo integrado para que desde

logo os alunos compreendam “o quê” e “porquê” das tarefas que estão envolvidos. Os fundamentos do currículo proposto são: concepção do que significa socializar a nova geração, o ideal de sociedade que se pretende, valor e sentido do conhecimento e facilitação dos processos da aprendizagem.

### 3. ENSINO POR CICLOS: CONCEPÇÃO DE ENSINO/APRENDIZAGEM

A organização da educação básica em ciclos, na concepção de ARROYO (1999), quando analisa a LDB 9394/96 nos seus artigos 1º, 2º e 22, não está restringindo a escola a procedimentos pontuais como passar todos os alunos, criar turmas de progressão ou outras para dar conta de problemas urgentes, mas em situar a tarefa da educação como “*desenvolver os educandos como seres humanos em sua plenitude, recuperando a velha tradição humanista que identifica educação com humanização*”. Afirma que embora a LDB apresente equívocos em relação a concepção de educação porque opta, ela vai muito além da concepção anterior onde a visão era preparar o aluno para a empregabilidade.

Nesta ruptura do modo de pensar a educação, os Ciclos não podem ser vistos como um aglomerado de séries nem uma receita para se facilitar o fluxo escolar, acabar com a retenção e a reprovação, mas deve ir muito mais a fundo e pensar em *Ciclo de Formação ou de Desenvolvimento Humano*. Nesta visão, ARROYO (1999) afirma,

*As idades da vida, da formação humana passam a ser o eixo estruturante do pensar, planejar, intervir e fazer educativos, da organização das atividades, dos conhecimentos, dos valores, dos tempos e espaços. Trabalhar em um determinado tempo-ciclo da formação humana passa a ser o eixo identitário dos profissionais da educação básica e de seu trabalho coletivo e individual. O profissional passa a se ver como um educador, um pedagogo, um adulto que tenta dar conta dessas temporalidades do desenvolvimento humano com suas especificidades exigências. A escola é vista como um encontro pedagógicamente pensado e organizado de gerações, de idades diferentes. (ARROYO, 1999, p.158)*

Sobre o perfil dos profissionais, neste modo de pensar a educação, ARROYO (1999) esclarece mais adiante:

*Organizar a Escola em Ciclos de Desenvolvimento Humano vai significando que todos repensemos nossa concepção de educação e repensemos o papel, o perfil, a função social do educador. Significa repor nosso ofício em outros patamares, descobrimo-nos profissionais do pleno desenvolvimento humano. Entendermos as temporalidades os ciclos de formação humana, assumirmo-nos profissionais do desenvolvimento humano, requalificarmo-nos, recuperando dimensões permanente em nosso ofício de mestres.*

*Participar desse processo é formador, é ressignificar pensamentos, valores, sentimentos, imaginários, auto-imagens. É redefinir competências, práticas, capacidades de fazer escolhas. É*

*encontrar outro sentido para o próprio ofício de mestre e a própria existência humana...Há uma formação concomitante...*

Para LIMA (1998),

*...O Ciclo de Formação implica, por sua própria natureza, em algumas especificidades que fazem com que, ao ser introduzido, ele já traga em si a reformulação do conceito do conhecimento associado à noção básica de que o conhecimento é um direito humano e que, portanto, todo e qualquer indivíduo deve ter acesso ao conhecimento, à cultura, às artes e à tecnologia.*

Devemos nos ancorar também, nas contribuições que a neurociência nos traz, e que dá conta de alguns aspectos da aprendizagem, e assim temos que para a organização das escolas em Ciclos de Formação Humana, de acordo com LIMA (1986), será necessário termos claro *“como se dá a aprendizagem no ser humano em seus vários períodos de formação, como este processo é afetado pela organização do tempo (organização temporal na escola e organização do tempo escolar) e pela organização do espaço.*

E também:

*...Para Vygotsky, a escola é uma situação única na história do ser humano porque ela aloca tempo e espaço para a aquisição de instrumentos culturais que, de outra forma, não estariam acessíveis aos indivíduos e/ou não seriam adquiridos sem a mediação realizada por um outro ser humano (no caso o educador), ou seja, o indivíduo não os adquire sozinho. (LIMA, 1998, P.18).*

Porém, isto não implica afirmar que o desenvolvimento humano não se dê na criança em outras instâncias, porém deixará de construir determinadas práticas ou conceitos, os quais como vimos em Vygotsky, só se dará através da mediação de um outro sujeito.

Sob este prisma a função da escola toma um profundo sentido que é de tornar possível *“a socialização de informações e de instrumentos culturais, desde que seus métodos e organização atendessem às peculiaridades do desenvolvimentos biológico e cultural dos indivíduos em suas diversas fases de desenvolvimento. Trata-se de abordar o conhecimento formal, promovendo o desenvolvimento cultural de todo o ser humano”* (LIMA, 1998, p.19)

Portanto, algumas escolas que aderiram aos Ciclos de Formação Humana, como é o caso da Escola Cidadã de Porto Alegre, organizam as turmas por idade cronológica, que embora só este aspecto não garanta que a criança aprenda, tem como base os estudos de Piaget, Wallon e Vygotsky na questão das fases de formação do desenvolvimento humano.

Diz VYGOTSKY:

*A aprendizagem se apóia em processos imaturos, porém em vias de maturação e, como toda a esfera destes processos está incluída na zona de desenvolvimento proximal, os prazos ótimos de*



*aprendizagem, tanto para o conjunto de crianças como para cada um deles, determinam-se em cada idade pela zona de desenvolvimento proximal. (traduzido, 1996, p.271).*

KRUG, explica que:

*A zona de desenvolvimento proximal varia de estudante para estudante, sendo que os que estão em uma mesma idade terão zonas de desenvolvimento diferenciadas, o que potencializa a aprendizagem entre pares. Uma das contribuições da zona de desenvolvimento proximal para a escola por Ciclos de Formação é a possibilidade de, em agrupando as crianças e adolescentes pela idade aproximada, se organizar grupos mistos de níveis de desenvolvimento proximal, oportunizando a aprendizagem de todas e de todos da turma entre si. (KRUG, 2002, p. 49)*

WALLON (1986) contribui ainda chamando a atenção para o aspecto das fases das crianças quando afirma *“um dos erros da educação foi desconhecer, em demasiado, as primeiras etapas do desenvolvimento e impor prematuramente à criança maneiras de pensar e de agir posteriores, correspondente ao adulto”*. (apud KRUG, 2002, p.44)

A Escola organizada em Ciclos vem trazer como desafio a união da instrução com o trabalho, *“com atividades nas quais corpo e mente se desenvolvam, com atividades artísticas, produtivas e físicas, ao mesmo nível de atividades intelectuais”*...(KRUG, 2002, p.121).

#### **4. O INTERIOR DA ESCOLA APÓS A IMPLANTAÇÃO DO ENSINO POR CICLOS DE APRENDIZAGEM**

A pesquisa de campo, que possibilitou estudar o problema proposto neste documento foi realizada em duas escolas. A fim de não trazer constrangimentos, optou-se em não identificar as pessoas e as escolas, portanto, estas serão denominadas de XN e XM e as pessoas quando for necessário mencioná-las, terão nomes fictícios.

O motivo pelo qual escolhi estas duas escolas foi para utilizar os dados de uma para confirmar os dados da outra, como prova das transformações ou não, na prática dos profissionais após a organização da escola em ciclos; por ambas trabalharem por ciclos desde a implantação e também por ter obtido permissão por parte das diretoras, pedagogas e professoras, para transitar livremente e assim observar, entrevistar e ler alguns documentos construídos pela escola e que embasam a prática escolar.

O método escolhido para obter as informações foi: entrevistas semi estruturadas aplicadas às pedagogas e professoras da 2ª etapa do ciclo II (equivalente à 4ª. série do ensino fundamental), observação das aulas e de cadernos dos alunos das turmas da 2ª etapa do Ciclo II, devido estas crianças estarem freqüentando a escola dentro da ótica de Ciclos desde o início de sua escolaridade; leitura dos Projetos Políticos Educacionais das escolas envolvidas e dos planejamentos, antes e após ciclo.

Fica acordado com o leitor, que para um melhor entendimento do texto sob meu ponto de vista, no caso em que durante a descrição não houver menção de escola, estarei referindo-me às duas escolas.

Através deste trabalho, foi possível ver a escola por um ângulo diferente, mais amplo e distanciado dos fazeres cotidianos que não permitem enxergar além dos detalhes e problemas que são resolvidos diariamente, que ofuscam o todo e que escravizam e cegam o sujeito.

Foi possível observar em ambas escolas muitas contradições: lutas de poder, inseguranças e medos, muita garra e desejo de acertar, decepções, alguns descasos e muito comprometimento, muito estudo individual, por parte de pedagogos e professores. Alguns empurrados pela necessidade de consolidar a carreira, mas a maioria por sentirem-se compelidas pelas mudanças que ocorrem vertiginosamente na sociedade e conseqüentemente na educação, portanto em sua prática.

Nas duas escolas, os pais podem fazer a opção de acordo com suas necessidades, deixando na escola seus filhos por um período de 7 horas que denominam de período integral,

ou de 4 horas que denominam período regular. As quatro horas são trabalhadas com conhecimentos de Língua Portuguesa, Matemática, História, Ciências, Geografia, Educação Física e Ensino da Arte, Ensino Religioso e as outras três horas, com oficinas de acordo com os interesses dos alunos que podem ser: artesanato, xadrez, inglês, dança, etc.

Ambas escolas optaram em trabalhar por Ciclos de Aprendizagem desde o início da implantação pela Secretaria Municipal de Educação.

Na Escola XM, todos os pedagogos possuem ou estão terminando especialização na área da educação; do total das professoras da escola num total de quarenta e seis, somente cinco não possui curso superior. Duas estão fazendo o seu segundo curso de nível superior e seis do total de professores que atuam diretamente com os alunos da escola, já possuem especialização e três estão cursando.

Na Escola XN, as quatro pedagogas possuem cursos de especialização em área voltada à educação, sendo que uma delas possui dois cursos de especialização. Num total de quarenta e nove professores, todos possuem o terceiro grau e dois destes professores já fizeram curso de especialização na área de educação.

Este aspecto, da busca de estarem procurando melhorar o nível de instrução, chama a atenção, pois aponta para a responsabilidade das universidades públicas e privadas de estarem bem aparelhadas teórica e fisicamente, para dar suporte de qualidade a estes profissionais, nesta fase de mudanças.

Sob o ponto de vista de ARROYO (1999), na organização dos ciclos, não se pode pensar em formar o professor antes para ele agir depois, como sempre foi feito na visão da escola tradicional, onde os decretos e pareceres definiam a tarefa de profissionais das escolas, a cada mudança da legislação educacional brasileira, considerando-os como simples tarefeiros. *“...podemos equacionar a formação dos professores para a implantação dos Ciclos de Desenvolvimento Humano, tentando explorar as proximidades existentes entre o que é constitutivo do ofício de mestre, as velhas e renovadas funções educativas, o permanente em toda ação cultural e educativa. Como? Tentando aproximar a concepção de ciclo dos estreitos e históricos vínculos entre educação, formação e desenvolvimento humano”*. ARROYO (1999.p. 153)

Os professores entrevistados nas duas escolas trabalham na educação já há bastante tempo, nenhum com menos de 10 anos de experiência. Logicamente também trabalharam dentro da organização seriada e em diversas séries.

Nos últimos quatro anos os professores da escola XM trabalham acompanhando os alunos durante o ciclo, isto é, trabalham seguidamente as duas etapas (dois anos

consecutivos), declararam este procedimento positivo, porque conhecendo as dificuldades dos alunos é mais fácil interferir no processo, assim como os laços afetivos que vão se consolidando, refletindo na aprendizagem. Os professores da escola XN trabalham só numa etapa do Ciclo, não acompanhando então os alunos de uma etapa para outra, mas pretendem no futuro fazê-lo, conforme declaração da professora Ana Maria.

As duas escolas elaboram os planejamentos a partir do Currículo Básico da PMC e das Diretrizes Curriculares, estas nem tanto, porque são consideradas confusas. Na Escola XM, o planejamento é elaborado no início do ano como se fosse para uma série, porém os alunos dentro da sala são de diferentes níveis, alguns ainda não se apropriaram da leitura e da escrita <sup>7</sup>.

Como os professores da Escola XM relatam, os planejamentos não têm dado conta, e elas também não têm dado conta do planejamento uma vez que são pensados para turmas homogêneas e possuem alunos de ritmos e níveis diferentes. Também, como pode ser visto durante a leitura dos planejamentos da escola, eles refletem o próprio Currículo Básico dividido em bimestres ou trimestres. O planejamento apresenta assim um excesso de conteúdos, os quais são trabalhados de uma forma acelerada, trazendo prejuízo por não permitir a construção dos conceitos com o aluno.

Planejamento, segundo VASCONCELLOS (1995, p 42) *“é uma mediação teórico-metodológica para a ação consciente e intencional. Tem por finalidade procurar fazer algo vir à tona, fazer acontecer, concretizar, e para isso é necessário “amarrar”, “condicionar”, estabelecer as condições objetivas e subjetivas prevendo o tempo, espaço, as condições materiais bem como a condição interior, para que aconteça.”*

Planejamento não pode ser uma atividade descompromissada e limitada a colocar no papel, registros ou listas de conteúdos sem uma reflexão conjunta, onde estarão subjacentes os propósitos filosóficos da comunidade escolar e os fins da educação. Reuniões entre ciclos e etapas se fazem necessárias continuamente para uma ação, reflexão, ação.

Sobre a necessidade de o planejamento ser participativo, VASCONCELLOS (1995, p.51) faz uma interessante observação *“A participação é um valor, é uma necessidade humana (o homem se torna homem pela sua inserção ativa no mundo da cultura, das relações, etc ).”*

---

<sup>7</sup> Foi relatado pela professora Maria, da Escola XM o caso de dois alunos que não conseguiram se apropriar da leitura e da escrita, e que só agora foi constatado que um é disléxico e o outro embora tenha acompanhamentos psicológicos e pedagogia especializada, não ter apresentado nenhum avanço significativo que justifique estar neste ciclo, devendo passar por nova avaliação psicoeducacional.

Mais do que nunca, se faz necessária a participação de todos os profissionais da escola nos processos do planejamento; discussão, decisão, colocação em prática, avaliação, para uma nova ação e assim por diante, e isto, é evidente que não acontece, inviabilizando qualquer resultados positivos.

Portanto as escolas carecem de um redimensionamento, e como PERRENOUD (2000 p. ) propõe, *”construir um plano de conjunto, para saber, em que direção deseja-se orientar as transformações; depois executá-lo aceitando uma certa desordem e novas negociações, para dar conta das condições locais e das preferências de cada um”*, mais adiante citando Thurler *“para agir a longo prazo sobre os sistemas educativos, é urgente mobilizar-se imediatamente, sem, por isso, agitar-se em todos os sentidos nem cair no ativismo”*.

Contestam, os professores das escolas que não é possível trabalhar com 35 alunos, com níveis tão diferentes e necessidades individuais precisando ser atendidas. Há alunos que apresentam necessidade de um tempo maior para compreender e realizar as atividades, outros realizam muito rapidamente e não têm paciência de ajudar o colega, por sua vez os que precisam de ajuda, na maioria das vezes se acomodam e esperam o colega para fazer a tarefa para ele, o que impede mais ainda que ele se aproprie daquele conhecimento.

PERRENOUD tem uma visão interessante sobre o aspecto das diferenças. Ele esclarece, que mesmo que um sujeito conviva por diversos anos lado a lado, vendo os mesmos conteúdos, nunca vai ver ou sentir as mesmas coisas, igual ao outro. Isto devido cada ser humano possuir objetivos diferentes, culturas diferentes e cada um constrói seus conhecimentos de acordo com o que percebe, valoriza, retém, compreende, portanto não adianta seguir um modelo, um padrão pré-estabelecido da didática para padronizar as aprendizagens.

Relatam as duas escolas que as experiências de dividir os alunos em grupos, para trabalhar conforme suas necessidades não dá certo, gera indisciplina, pois são muitos grupos e também porque os que sabem um pouco mais, também não são independentes. Não que não tentem, porém esta prática não é constante porque percebem que esta por si só, não traz resultados qualitativos.

Manifestaram também, preocupação com os alunos que demoram mais para se apropriar dos conceitos, quando juntos com crianças que sabem muito mais, porque percebem que são lesados na sua auto-estima.

A escola está acostumada a exigir respostas dos alunos prontamente como se fosse possível para os seres humano construírem conceitos significativos, ou partindo do nada ou

instantaneamente. A escola não tem ajudado a construir conceitos e sim a trabalhar o produto destes conceitos através da repetição de exercícios. O fato se dá, de certa maneira, devido o currículo estar repleto de conteúdos, e para construir conceitos junto com o aluno leva mais tempo. Tem-se que correr para vencer a quantidade. Este aspecto ajuda no desinteresse dos alunos e frustra os professores. Por isso a necessidade de rediscutir o currículo. Muitos autores já falaram da necessidade de construir aprendizagens significativas, mas quando ela acontece? Além de outros fatores, quando o aluno tem a oportunidade de viver as experiências, junto com seus pares. Há 100 anos atrás John Dewey já afirmava que a aprendizagem se dá em grupo e que a escola devia promover situações de cooperação em vez de lidar com as crianças individualmente. PERRENOUD (2000) aponta para a necessidade dos professores estarem possibilitando interações entre os alunos.

Os professores das duas escolas apontam para, a necessidade de aumentar o número de horas que as co-regentes<sup>8</sup> tem com cada turma, uma vez que estas trabalham somente 1:30h por semana em cada turma. Também exigem que haja reforço no contra-turno. Esclarecem que, quando optaram para a escola se organizar em ciclos, discutiram que a melhor forma de garantir a qualidade de ensino para todos os alunos, seria de ter garantido o reforço de contra-turno e co-regência e que isto não está acontecendo, porque a Secretaria Municipal de Educação foi reduzindo o número de pessoal aos poucos até ficar no estado que está.

Pelo que foi possível observar, as professoras ainda trabalham cada uma responsabilizando-se por sua turma. Os alunos são de responsabilidade unicamente sua. Não existe compromisso de todos. Assim fica difícil vencer os obstáculos que a Escola organizada em ciclos apresenta. São inúmeros desafios a vencer, todos os dias.

As diretoras, as pedagogas o Conselho de Escola não perceberam que juntos tem poder de articulação, junto a SME, para qualquer assunto que não esteja permitindo a Escola desenvolver o trabalho necessário, para que os Ciclos sejam efetivados realmente. É claro que a SME, não fará a vontade da escola só porque ela exige. A equipe terá que mostrar a necessidade através de argumentos, e o que é mais importante, argumentos que tenham partido de uma discussão e estudos sérios no interior da própria escola. A condição para estudo em conjunto dos profissionais das escolas, assim como a garantia de professoras para a co-regência poderiam ser conquistados com o espírito de equipe.

---

<sup>8</sup> *Co-regente são professoras que dão suporte às regentes, no sentido de trabalharem em determinados dias e horários durante a semana, com os alunos que apresentam dificuldades na aprendizagem ou necessitem de atendimentos mais individualizados.*

opinião das professoras, para os pais o que interessa é se o filho vai passar de ano. Os pais não compreendem a ficha descritiva, pois não estão afeitos a palavras técnicas e peculiares à pedagogia ou à escola. Sob o ponto de vista dos professores, eles compreendiam a nota, pois sabiam que acima de uma determinada média o filho estava aprendendo, porém o que aprendiam e como, a maioria dos pais, não entravam no mérito da questão. Reclamam da falta de interesse dos pais com relação a aprendizagem de seus filhos. Os professores sentem uma necessidade muito grande de repensar a ficha de avaliação que não apresenta clareza, porém só após uma discussão para que elas mesmas tenham nitidez: “o quê ensino, como ensino e com que profundidade”.

Série, notas, reprovações sob meu ponto de vista, é cultural. Não se muda de uma hora para outra, costumes e hábitos que são de muitas gerações e que para poucos pensadores isto se revelou cultural. Para a maioria do povo ou profissionais da educação, parecia tão natural que não podia ser diferente. Mas, se observarmos a própria sociedade, seus costumes e hábitos, as mudanças que ocorreram e continuam a ocorrer são fantasticamente rápidas e radicais. Supondo que alguém que tivesse ficado adormecido por 10 anos consecutivos e tivesse acordado hoje não reconheceria a sociedade onde habitava, mas possivelmente se acharia em casa ao adentrar na escola onde estudava. Portanto é necessário que a escola mude e acompanhe a evolução, sob pena de ficar obsoleta e morrer.

Se para quem trabalha na educação está sendo difícil compreender o que vem a ser Ciclos de Formação Humana ou Aprendizagem, e as mudanças que disso advém, imagine para os pais, que são sempre os últimos a saber das alterações nas escolas. Os pais não têm culpa de não terem entendido a questão dos Ciclos. Portanto, é uma tarefa das mais importantes para as equipes das escolas, estarem discutindo com os pais estas questões. A escola mudou, a sociedade mudou muito mais. Hoje se faz necessário discutir com os pais que educação a escola está pensando, como é a avaliação e o por quê dela ser assim, mesmo porque, se está se pensando em Formação Humana, os pais fazem parte do coletivo da escola, também tem sua parcela de responsabilidade, uma vez que formação não acontece somente na escola. Mas, para que isso aconteça a escola deve descobrir mecanismos que permitam os pais estarem participando da vida de seus filhos nas escolas. Assim talvez os pais passem a se interessar pela aprendizagem de seus filhos. Se isto não ocorrer, vai se levar décadas para os pais compreenderem o que se passa na escola, somente na geração seguinte.

Reclamaram da falta de comprometimento de algumas colegas, as quais, percebendo que seu aluno irá para uma etapa seguinte não sabendo conteúdos que consideram necessários não se debruçam sobre o mesmo porque é mais cômodo, não incomodam nem os pais nem a

escola, não havendo conflitos então. Nesta questão, deixam bem claro que não é um problema de ciclo, pois sempre houve descaso, com a diferença que hoje em dia não é mais possível que isto aconteça, pois o aluno não fica retido, sendo que ele é desvelado, não se pode mais jogar para baixo do tapete é então um problema de todos, que deve ser levado a sério por pais, professores, pedagogos, direção de escola e secretaria, porque o que importa é que o aluno aprenda.

A escola tem consciência de que o aluno deve aprender, mas ainda se detém nas velhas concepções das escolas tradicionais, como nos diz ARROYO (1997 p.75), ... *"A única medida de nossa defazagem é se o aluno domina determinadas habilidades e competências na velha concepção da escola das primeiras letras"*...

As professoras levantam ainda a questão da falta de confiança por parte da equipe da SME, que duvidam da eficiência dos seus professores e da própria escola, que por meio da equipe multidisciplinar, ditam se o aluno está apto ou não para mudar de ciclo, uma vez que não vivenciam a experiência diária com este aluno. Por isso muitas vezes não levam para a equipe, sabendo de antemão que sofreriam pressão, para que o aluno mudasse de ciclo, deixando-o então seguir adiante.

Deixam claro que não gostariam que acontecesse igual à escola seriada, que era radical e desumana, porque a criança que tirava notas baixas era fadada a fazer tudo de novo, presumindo que nada sabia, mas que são contra o fato de uma criança ir para uma quinta série sem saber ler.

Neste aspecto, as professoras demonstraram estarem perdidas e não apontam diretamente nenhuma solução, não conseguem analisar, e o que podemos deduzir é que ainda estamos avaliando somente os resultados de nosso trabalho com relação às crianças, mas ainda não conseguimos analisar como a criança está se apropriando do conhecimento, uma vez que cada uma aprende de um jeito. Não há uma avaliação contínua para que se faça o diagnóstico e se possa interferir no processo logo que se percebe que alguma coisa não vai bem. Neste momento são importantes os outros profissionais que trabalham na escola, como co-regentes, professores de outras áreas e pedagogos, para que cada um dentro de suas especificidades possam estar trabalhando com esta criança. Percebe-se que os professores preferem ignorar os alunos que estão apresentando algum tipo de dificuldade de aprendizagem, por temer serem chamadas de incompetentes. Mas nem sempre é pela incompetência dos professores que o aluno não aprende. Temos que investigar a vida deste aluno em todos os aspectos para verificar o que compete a escola e o que compete a outros setores da sociedade. A experiência tem demonstrado que todos os alunos com dificuldades



na aprendizagem, detectados em tempo seus problemas e investidas as soluções, se desenvolvem normalmente.

Todas foram unânimes em protestar contra o que chamam de “egoísmo e individualismo da classe”. Cada professor trabalha sozinho, no seu canto e principalmente “se eu tiver que me dar bem, piso em você, para ter sucesso”. Declaram que sempre houve casos assim, mas que atualmente é mais evidente. Encerram, dizendo que talvez seja devido à insegurança que cada uma sente e envergonha-se de declarar para a colega, pela falta de domínio no trato com assuntos que não está entendendo, como por exemplo: “o que” e “como”, deve-se trabalhar com o aluno após a implantação do ciclo nas escolas.

Parece não existir disponibilidade sincera de todos para um diálogo aberto, com relação a discussões que perpassam desde o que é uma escola, para que fins ela se destina, que tipo de homens temos hoje e que tipo queremos formar e o ideal de sociedade do futuro, não por obedecer a imposições feitas pelos sistemas que regem a educação seja de que âmbito for, mas por necessidade de enfrentar as dificuldades sentidas nas suas práticas escolares, a situação não se modificará e quem irá continuar a perder são as crianças.

Pode-se evidenciar nas escolas pesquisadas, a dicotomia nas atividades pedagógicas e administrativas, pois

*As políticas educacionais em geral, e as de financiamento da educação em particular, reforçam uma concepção de organização empresarial da escola. Mesmo quando produzem propostas modernizantes, essas políticas aparentemente não se centram em observar a escola em toda sua complexidade, como instituição dona de uma cultura própria.*

*Isto pode ser evidenciado, por exemplo, na forma pela qual as reformas educacionais mais atuais pensam do diretor e do conselho de escola. Primeiramente, os ditames das políticas educacionais confundem gestão escolar com direção escolar, individualizando as responsabilidades da condução da escola na figura do diretor... (SOUZA, 2001, p. 2)*

A gestão nas escolas municipais de Curitiba, já vinha se encaminhando para uma visão mais administrativa e econômica com as verbas que as escolas passaram a receber, desde 1997, do *Programa de Descentralização: Repasse de Recursos Financeiros às Escolas Municipais (PDRF)*. Os recursos destinavam-se à compra de materiais de consumo, conservação e pequenas reformas. Porém atualmente, além destas, para toda e qualquer construção, as verbas para tal, são repassadas para as escolas, onde as diretoras ou diretores, têm que fazer desde as licitações até o acompanhamento das obras com os engenheiros do IBQP (Instituto Brasileiro da Qualidade e Produtividade do Paraná) e as prestações de contas de todas as verbas. É uma carga muito grande, e não se pode culpar somente à elas. Mesmo assim, se faz necessário que recuperem sua dimensão pedagógica, pois elas foram transformadas em “tarefeiras”, como diz ARROYO. Mas para isso, teria que ser um modelo

de gestão diferente do existente, que não cabe a discussão neste estudo. Convém salientar que, com a implantação do Ciclo de Aprendizagem na Rede Municipal de Curitiba não houve mudanças no modelo de gestão da escola, cabendo às pedagogas a parte pedagógica e às diretoras a parte administrativa.

Uma boa gestão é fundamental para que se efetive a escola organizada em Ciclos:

*A ação do professor se organiza, primordialmente, pela estrutura da instituição, que deixa, na grande maioria das vezes, pouca liberdade ao professor. É na estreita margem deixada pela estrutura da instituição e a gestão, que o professor busca organizar sua ação de forma a que ele atenda aos objetivos que ele estabelece para sua ação educativa. Esta margem é, no entanto, insuficiente para que ele realize, em extensão e profundidade, as ações pedagógicas necessárias para promover a equidade em educação. Para que isto se verifique, torna-se imprescindível que o modelo gerencial seja um modelo que crie espaços de tomada de decisão e de iniciativa ampla para o coletivo dos educadores, possibilitando, inclusive, a formação deste coletivo e garantindo o tempo para que ele se mantenha em atuação. (LIMA, 1986, p.20)*

As pedagogas entrevistadas da Escola XM são formadas em pedagogia e já trabalham longo tempo na área, antes como orientadoras educacionais e supervisoras e atualmente como pedagogas. Possuem pós-graduação em nível de especialização, uma na educação infantil e outra no uso de tecnologias na educação.

Dentro da função que exercem, distribuem tempo em atendimentos ao aluno nas questões disciplinares, porém concentram maior tempo nas questões de aprendizagem.

Elaboram um levantamento através de testes de pré-triagem<sup>9</sup>, onde é possível verificar, superficialmente muitas vezes, as questões que envolvem a parte cognitiva, psicossocial e saúde física, dos alunos encaminhados pelos professores por motivos dificuldades de aprendizagem e posteriormente encaminham para as instituições que atenderão o aluno, nas suas reais necessidades, por profissionais habilitados, quando o caso é facilmente detectável.

Os núcleos regionais de ensino da Prefeitura de Curitiba exigem que, antes de enviar uma criança com dificuldades na aprendizagem para uma avaliação psicopedagógica, as pedagogas apliquem os testes chamados de pré-triagem para que possam fazer intervenções pedagógicas junto com os professores que trabalham com esta criança, a fim de que não sejam mandados alunos que a escola pode dar conta com a intervenção correta. Todos os núcleos exigem este procedimento, para que os Centros de Atendimento da Prefeitura, que são os setores responsáveis para fazer avaliação diagnóstica das crianças e estarem constatando se a

---

<sup>9</sup> Pré-triagem, são testes aplicados pelas pedagogas das escolas da Prefeitura Municipal de Curitiba, nas crianças que apresentam dificuldades de aprendizagens nas diversas áreas, a fim de levantar a necessidade de encaminhar para uma avaliação mais completa com profissionais capacitados para tal, que são os Centros de

criança necessita de um psicólogo, psicopedagogo, sala de recursos ou outros atendimentos que venham ajudar esta criança se desenvolver como um ser humano completo, não fiquem sobrecarregados e inviabilize os atendimentos de alunos que realmente precisem de atendimento mais especializado.

Continuando o relato das pedagogas da escola XM, falaram que trabalham então junto aos professores destas crianças, as questões pedagógicas, sugerindo intervenções, atividades etc. Orientam os pais nas questões mais óbvias como limites, higiene, responsabilidades nas questões das tarefas de casa etc., pois, segundo as entrevistadas, normalmente a família não se detém nestas situações que aparentam serem tão naturais.

Lamentam as entrevistadas, que dentro da escola com tantos problemas disciplinares, alguns poderiam ser tratados por outras pessoas que trabalham na escola, pois são conflitos gerados em brincadeiras nos horários de recreio ou dentro de sala de aula que todos tem competência para resolver e não só as pedagogas, que considerando o número reduzido que eram quatro por período, ficaram duas, numa escola de tempo integral, com trinta turmas regulares e quatro no complexo II,<sup>10</sup> o trabalho é muito grande. Fica uma lacuna muito grande porque o trabalho essencial que é estar assessorando os professores nas questões pedagógicas perde.

As pedagogas consideram, porém, que estão focando mais o seu trabalho nos alunos, desde a implantação nos ciclos, no sentido de saber porque não estão aprendendo, em que estágio de aprendizagem estão no momento e quais intervenções que são possíveis de serem feitas junto estes alunos, professores ou turmas.

Como se pode observar, tanto o grupo de professores quanto o de pedagogas, consideram que estão focando seu trabalho mais no aluno após a implantação do ciclo, isto caracteriza uma mudança no olhar destes profissionais, os quais estão tentando perceber o aluno como sujeito, um ser humano e não como mais um na escola que se não aprender repete o ano. Não se pode desconsiderar que este enfoque prende-se ao fato de sofrerem pressão por parte do sistema, representados pelos núcleos regionais, porém será uma prática que irá se incorporando em todos os profissionais à medida que forem compreendendo melhor o verdadeiro sentido dos Ciclos.

---

*Atendimentos Especializados da SME, existentes em cada núcleo. Também o objetivo dos testes serve para, principalmente conhecer melhor a criança, possibilitar uma intervenção pedagógica na própria escola.*

<sup>10</sup> *Complexo II, são os prédios de três pavimentos construídos durante a gestão do Prefeito Jaime Lerner, com uma arquitetura própria, onde os alunos em tempo integral trabalham em oficinas, no horário contrário ao Ensino Regular.*

Constatam também um número muito grande de projetos vindos da Secretaria de Educação da Prefeitura como, por exemplo, Educação Ecológica, Laboratório de Informática que necessitam de um olhar especial, assim como as parcerias com empresas que também tem seus projetos como Concursos de Literatura, a implantação dos 5s (os cinco sentidos de filosofia japonesa, que trabalham a organização). Julgam estes projetos interessantes, mas que demandam tempo e que são atendidos em detrimento talvez de uma discussão no interior da escola, para descobrir quais são as prioridades, para que não haja desconexão.

A escola tem sido alvo, de toda ordem de projetos. Não bastasse a Secretaria Municipal de Educação, enviar todo tipo de projetos, que se todos fossem levados em conta, teria que parar o que se estivessem fazendo para incorporar o novo trabalho, também agora as empresas privadas com o título de “amigos da escola”, adentram com projetos muitas vezes alheios ao Projeto Político Pedagógico das escolas. Porém, parece que falta por parte das gestoras, uma discussão junto ao coletivo da escola, para que façam a análise dos reais benefícios que os alunos terão com estes projetos e se estes não vão contra o próprio Projeto Político Pedagógico. Não se pode olhar esta ajuda dos “amigos da escola” somente sob a ótica das vantagens financeiras. Mas ninguém obriga a escola aderir a qualquer projeto, esta é que tem que aprender a analisar para discernir o que é melhor para os alunos.

Registram que na implantação dos ciclos, houve compromisso por parte da SME, de suprir, como consta na proposta de aceitação da escola, professores para a co-regência, contra-turno, e turmas de progressão, que seriam turmas de transição onde os alunos seriam trabalhados até sanar suas dificuldades. Declaram não ter nenhuma experiência neste caso, pois nunca houve tais turmas.

Porém agravaram-se este ano os problemas, com a diminuição dos professores, pois foi criada uma nova fórmula para cálculo de lotação de professor na escola. O prejuízo se fez notar logo em seguida, porque cada turma ficou somente com aproximadamente uma hora e trinta minutos de aula por semana com co-regente, isto quando ela não cobre faltas.

A mobilidade, quanto a todo ano a escola estar recebendo professores novos ou de outras escolas, traz transtornos uma vez que leva tempo para eles compreendam a organização da escola, conheçam os alunos, uma vez que consideram importante o mesmo professor trabalhar duas etapas do ciclo com cada turma de outros professores.

Levantam a questão de que durante a implantação dos ciclos tiveram poucas palestras e encontros com profissionais de outros estados organizados em ciclos, mas que os professores não tiveram este privilégio e que desde então todos estão abandonados a própria sorte, ou azar.

Consideram que cabe à cada escola procurar seus caminhos não perdendo de vista a LDB.

Têm bem claro, que houve uma significativa mudança no trato dos alunos que não aprendiam, após a implantação do ciclo, pois eram esquecidos ou deixados de lado. Agora todos se preocupam e são responsáveis pelos alunos e tentam fazer de tudo para inseri-lo no mundo do conhecimento. Por sua vez, também se preocupam com aquele aluno que tem potencial para progredir, mas está sendo deixado de lado e está indo para as 5<sup>as</sup> séries com conhecimentos superficiais, sem qualidade.

Aqui podemos constatar uma grande mudança acontecendo, neste novo “olhar” dos professores, ainda que, não se dêem conta. Embora não se admita de pronto, a simples eliminação da idéia anual no ensino, veio sacudir a estagnação na educação, pois os profissionais da educação na sua maioria, voltam-se no sentido de dar um novo direcionamento ao seu trabalho e a continuidade de sua formação, porque se dão conta de que **todos** têm direito à uma formação. É talvez neste viés, que vão acontecer às mudanças nas escolas.

Sentem necessidade de uma reorganização diferente, mas não sabem como, porém têm certeza de que qualquer mudança deve ser após uma longa discussão com os professores e que a partir da necessidade constatada por estes, a escola se modifique aos poucos, sem atropelo. Enquanto isto não se dá, é melhor trabalhar através dos conteúdos, que são palpáveis.

As pedagogas da escola XN têm especialização na área de educação. Uma delas está fazendo um outro curso de especialização, direcionado para avaliação clinica, por conta própria, embora tenham, ela e mais dezenove pedagogas de outras escolas, solicitado para que a SME se responsabilizasse pelos custos, uma vez que seria para uso do trabalho necessário no interior das próprias escolas, pois estaria habilitando-as a fazerem os testes de pré-triagem nos alunos com dificuldades, porque não sentem-se seguras, para aplicá-los. Também questionam os testes no sentido de que deveriam ser aplicados nos alunos em uma clínica, não só por não se sentirem seguras, mas também porque nas escolas não ter um lugar próprio. Enquanto aplicam os testes, atendem simultaneamente pais, professores ou outras crianças.

Embora dediquem um tempo considerável para a pré-triagem com os alunos com dificuldades, recebem apoio significativo das pedagogas do núcleo que fazem parte, inclusive auxiliando-as tecnicamente numa “pré-triagem” e que se torna possível assessorar os professores na elaboração dos planejamentos. Já possuem um documento onde estão elencados os conteúdos, após uma discussão em cima do Currículo Básico e as Diretrizes

Curriculares da SME, com todos da escola. O planejamento da Escola então é elaborado tendo por base este documento. Têm como meta, para o ano próximo, fazer uma nova discussão para melhorar o documento.

Trabalham através de projetos. Os temas são por etapas. Quando elas se referem às etapas, usam ainda, 1ª série, 4ª série etc.

Queixam-se que mesmo assim, o trabalho ainda é fragmentado porque à tarde são outros temas, mesmo nas “mesmas séries”. Acham que o trabalho por ciclos ainda não se efetivou, é um início, porque a seriação está muito impregnada dentro de cada professor.

Fazem então uma observação interessante, dizendo que a postura daquelas professoras que trabalham nas segundas etapas de cada Ciclo, que necessitam levar aluno para a equipe multidisciplinar<sup>11</sup>, tem um olhar diferente sobre o aluno, tendo avançado mais. Enquanto que os professores das 1ªs etapas, estão ainda com olhar de seriação, e quando no ano seguinte pegam turma da 2ª etapa é uma “barra” pois culpam outras instâncias como o Centros de Atendimento “que não resolvem nada”, com as crianças que não conseguem aprender a ler, e culpam também a professora anterior. Por este motivo, relatam que no próximo ano os professores deverão trabalhar dentro dos ciclos, isto é, seguirão com os seus alunos para a etapa seguinte, uma vez que já estarão conhecendo os alunos e terão então mais possibilidades de estarem interferindo nas suas dificuldades.

Isto se explica, porque na seriação os alunos que não conseguiam se apropriar dos conhecimentos que a escola tinha como pré-condição para outra série, ficavam na mesma série e a professora seguinte pegava a turma com os conhecimentos mais ou menos “homogeneizados” e agora os alunos têm o ciclo para se apropriarem daqueles conhecimentos, e se a professora tem a cabeça nas séries e pensa que o aluno tem que saber isto ou aquilo para mudar de etapa, então isto apontando para a permanência de uma concepção de série.

*Na educação por ciclos a aprendizagem é vista como processual, que se efetiva em tempos diversos para cada indivíduo, mas que guarda, todavia, a temporalidade do período de formação. Isto é, os objetivos de aprendizagem e desenvolvimento são colocados para cada período de formação que equivale a dois ou três anos letivos. Nesta perspectiva, a avaliação deve servir à formação humana, identificando processos, com seus avanços e com seus aspectos a serem superados. (LIMA, 1986.p 26)*

E continua:

---

<sup>11</sup> Equipe formada nos núcleos de ensino da Rede Municipal de Educação, por pedagogos, psicólogos, alfabetizadoras, psicopedagogas que avaliam o percurso do aluno e decidem junto com a equipe da escola, se retém o aluno.

*Conseqüência imediata da implantação de ciclos é a modificação das relações profissionais entre os professores, uma vez que eles irão compartilhar o mesmo aluno durante o ciclo. A responsabilidade pela formação do aluno passa a ser do coletivo, desta forma a aprendizagem será conseqüência da ação de vários educadores, bem como o processo de avaliação dependerá da colaboração de uma equipe.*

*A definição de ações pedagógicas é responsabilidade, ao menos, de todos os professores que estão ensinando no ciclo. A comunicação entre educadores é gerada pela nova estrutura e a organização do tempo e espaço passa a ser, necessariamente, coletiva. (LIMA, 1986. P.27)*

Outra questão que perturba o bom andamento da escola, é quando as co-regentes têm que substituir professores que faltaram. As pedagogas desta escola dizem que muitas vezes elas mesmas entram em sala para substituir professores que faltaram, a fim de que o trabalho daquelas, seja garantido, pois a falta da co-regente na equipe multidisciplinar, é muito significativa, porque ela é que vai dizer que tipo de trabalho fez com os alunos com dificuldade. A co-regente trabalha com o grupo de alunos que apresentam dificuldades, enquanto isso a regente continua com alunos que podem avançar mais. Também as pedagogas reclamam que houve troca de co-regente em outubro, o que veio prejudicar muito o trabalho, pois levará um tempo até a professora se situar e conhecer todos os alunos.

Para as pedagogas está muito claro que o enfoque no aluno mudou. Hoje em dia não se compara o aluno com outro, mas ele com ele mesmo. Para tanto, vêm a pré-triagem feita na escola, como ponto positivo, pois podem estar intervindo junto ao aluno.

Analisando alguns aspectos levantados pelos professores e pedagogas, foi possível observar que a escola trabalha ainda muito compartimentalizada não só nas questões das disciplinas e áreas, mas também de que para ninguém está claro que tipo de ser humano quer ajudar a formar e para que tipo de sociedade.

A filosofia, os princípios da escola são escritos por uma ou duas pedagogas que tenham habilidade de cortar e colar de outros documentos ou se afinem mais com as palavras, e isto porque o Secretaria exige que conste no documento, mas não porque houve uma discussão onde todos pudessem estar fazendo uma reflexão.

Mesmo depois do documento estar pronto não há estudo para ter uma visão de todos os aspectos discutidos em pequenos grupos, quando o são. Parece-me fundamental que o estudo deva ser feito e que tenhamos isto claro, sob o perigo de estarmos repetindo o que outros acham, ou pior, nem sabermos que tipo de seres humanos está formando. Esta questão aponta novamente para a importância da gestão da escola que deve ter força para estar unindo o coletivo da escola para que aconteçam as discussões necessárias.

As observações nas aulas mostraram que a escola organizada por ciclos não trouxe ainda, nenhuma mudança estrondosa no sentido dos professores encaminhareem suas aulas. É

claro que houve mudanças significativas, não devido aos ciclos, mas quanto à parte física, aos meios que hoje em dia o professor dispõe a seu favor, como TV e Vídeo nas salas, laboratório de informática onde o aluno tem o computador como um parceiro na sua aprendizagem, biblioteca e uma gama enorme de materiais concretos onde o professor pode estar explorando para que o aluno se aproprie dos conceitos com mais compreensão. Logicamente estes instrumentos por si só não vão garantir a aprendizagem dos alunos, vai depender de como se usa e para que se usa, mas não se pode negar que é melhor que só o giz, lousa e voz, embora estes tenham dado conta por um largo tempo da educação, mas os tempos eram outros, não existia esta velocidade, e este volume de informações. Temos que considerar ainda, que a escola pública recebe boa parte da população que em suas casas não possuem nenhuma das tecnologias acima citadas, e que a escola neste momento, se souber trabalhar com estas tecnologias estará inserindo o aluno de alguma maneira na sociedade.

Deu para perceber que as aulas são na maioria das vezes expositivas, a maior parte do tempo os alunos sentam uns atrás dos outros, há poucas pesquisas, quando há, os alunos só fazem na sala, porque se for proposto como tarefa de casa os alunos não fazem. Foi observado que os professores fazem uso de materiais concretos para construção dos conceitos, principalmente em matemática. Também as aulas são enriquecidas com os vídeos e *softwares*, alguns fechados no sentido de não permitirem interação. Neste aspecto, dos professores estarem usando os *softwares* prontos que não permitem o aluno construir, sendo apenas um observador, quando muito um participante mecânico, depende do objetivo para que se está usando. Não dá para usar, só por usar. Tudo tem que estar bem claro para quê, por quê, para quem, por quanto tempo etc. E o professor neste campo também é um aprendiz, pois alguns professores, ainda não tem nem aparelho de som, quanto mais computador em sua casa.

A Escola XN faz tentativas de trabalhar pequenos projetos, por etapas. Escolhe um tema para a etapa, higiene, por exemplo, e trabalha os conteúdos das áreas dentro do tema. A Escola tentou, mas não deu certo, trabalhar com um projeto para a escola toda.

A escola XM, não trabalha por projetos, somente por conteúdos, divididos em etapas. As professoras estão inseguras de dar o primeiro passo para outro tipo de encaminhamento, mesmo porque afirmam, não houve discussão da escola para tal. Individualmente demonstraram ansiedade, um descontentamento, mas não têm respostas para sair da situação.

Os cadernos observados nas duas escolas refletem o trabalho. São atividades onde predominam as produções de texto coletivas usadas também com o objetivo da criança estar participando com suas idéias e compreensão das situações vividas; produções de texto individuais onde aparecem as reescritas feitas junto ao aluno, às vezes com o auxílio da co-



regente e às vezes com a ajuda da regente; interpretação de textos, levando em conta geralmente, se o aluno entendeu ou não do que trata o texto.

Nos cadernos de matemática foi possível ver muitas situações problemas onde eram trabalhadas as operações básicas, medidas e outros conteúdos sempre trabalhados nas antigas 4<sup>as</sup> séries, todas em situações artificiais de livros, que não refletiam uma situação real para o aluno naquele momento.

Os documentos como Projeto Político Pedagógico, Plano de Ação Anual das pedagogas ou da direção da escola, Regimento Interno são documentos que raras vezes são consultados ou levados em conta por quaisquer pessoas das escolas. Depois de devidamente homologados pelos órgãos competentes ficam guardados nos armários ou gavetas até as próximas mudanças que se façam necessárias. Cabe aqui, porém, uma reflexão. As mudanças nas escolas vão acontecendo tão sutilmente, que o dia a dia não permite que haja uma análise por conta dos profissionais que ali estão, porque as tarefas que estes desenvolvem são com pessoas, as quais estão solicitando atenção todo minuto. É diferente de algumas profissões que se pode parar a qualquer momento e pensar sobre as atividades e mudar o rumo se necessário. O profissional da educação tem que lutar para abrir este espaço de reflexão, e quando consegue é sempre muito tumultuado, pois sempre envolve muitas pessoas, para se chegar a um consenso, quando este se faz necessário. Não falo aqui que todos devem partilhar das mesmas idéias para que a educação aconteça, mas o mínimo dentro de uma escola para que cada um não vá para um lado é necessário, pois acho que ainda serve aquela história dos dois burros amarrados juntos, que querem comer e não conseguem por causa da corda, mas quando se unem e vão para o mesmo lado conseguem seu intento. E aqui também não vejo que seja corporativismo, pois se está falando em concepção de formação de sujeitos, onde o espaço escolar é ainda importante.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A origem deste estudo nasceu da necessidade de conhecer se houve ou não mudanças que possam ser percebidas, na prática pedagógica dos profissionais envolvidos no trabalho pedagógico da escola, após a implantação do ensino por ciclos de aprendizagem na Rede Municipal de Ensino de Curitiba, e se não houve, quais os impedimentos, uma vez que já se passaram cinco anos após a implantação.

As entrevistas com as professoras e pedagogas das escolas XM e XN, assim como a análise dos planejamentos, aulas e materiais dos alunos, demonstraram que a escola está começando a mudar pelas “bordas”, isto é, nos pontos periféricos.

Como na implantação dos ciclos não houve tempo suficiente para amadurecimento da questão, tendo sido abrupta e radical, os profissionais se encontram ainda em estado de choque. Fazem pequenas tentativas pontuais de mudanças, como é o caso do “enxugamento” dos conteúdos de uma etapa para outra do ciclo, para que estes não se repitam, o que caracteriza o ensino por série e demonstra nesta ação que o processo ensino/aprendizagem está sendo compreendido que ele se dá através da justaposição dos conteúdos.

Neste pano de fundo, os alunos estão sendo vistos como algo que deve ser construído, onde cada um faz uma parte sem se comunicar com o outro que está fazendo a outra parte, uma linha de montagem, enfim. Pode-se observar que durante as entrevistas não aparecerem alusão às situações onde se buscasse trabalho conjunto com profissionais de outras áreas que trabalham com este aluno como é o caso de Ensino da Arte, Educação Física o outras. Não há conexão formal ou intencional.

As discussões em torno de pontos mais centrais como: reconhecer e possibilitar que na escola por ciclos a **aprendizagem** seja considerada como aspecto fundamental, o planejamento com a participação do coletivo, estudo para viabilizar a organização dos alunos de outra maneira sem ser a tradicional e usual, se mostram ainda muito tímidas. Não se envolve a todos numa perspectiva de uma escola formadora, mas sim uma transmissora do conhecimento.

As mudanças percebidas mais nitidamente foram com aqueles alunos que apresentam mais dificuldade de aprendizagem de conteúdos que a escola tem como pré-condição para avançar para o Ciclo seguinte. A escola tem procurado concentrar esforços para estes alunos que na lógica seriada seriam relegados a segundo plano.

Porém este dado não é tão animador, se o tempo e os esforços do professor da turma dedicado aos alunos que exigem atendimento mais direto, for em detrimento aos alunos que não encontram dificuldades, mas necessitam da mesma maneira que lhes sejam apresentadas circunstâncias adequadas e favoráveis de aprendizagem para que avancem no seu ritmo mais ágil. A maneira pela qual a escola ainda se organiza não oportuniza para que isto ocorra. Uma outra organização, vem implicar em mais custos financeiros e mais trabalho do professor, pois supõe um acompanhamento do processo de formação do aluno e para isto seria necessário de mais do que as quatro horas que passa com sua turma.

Há necessidade de se investir pesadamente na formação continuada do professor, pois a estrutura de ciclos só se fará adequada se quem trabalhar nela, compreender suas bases teóricas. Foi possível evidenciar que se não houve mudanças mais radicais na escola após o advento dos ciclos, um dos limitadores foi certamente a falta de formação neste sentido.

Este estudo não se esgota nestas considerações finais, pois ele aponta para as análises de outras questões como: até que ponto o não envolvimento nas discussões pedagógicas, das gestoras das escolas, tem atravancado a decolagem do ensino por ciclos? Como estão chegando nas escolas de 5ª a 8ª séries do ensino fundamental, os alunos oriundos das escolas estruturadas no sistema por ciclos? Há diferenças? Quais são? E, talvez principalmente, os alunos que passam pelo ensino organizado por ciclos estão aprendendo mais, a mesma coisa ou menos do que na forma anterior, a seriada? Estas questões não foram possíveis de serem abordadas uma vez que o presente trabalho apresenta suas limitações de tempo e tema.

Finalizando, cabe registrar a constatação que as intenções de mudanças podem partir de um só indivíduo, porém nenhuma mudança se fará se não houver predisposição e envolvimento de todos, num processo de re-construção contínua.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARROYO, Miguel G. **Ciclos de Desenvolvimento Humano e Formação de Educadores:** Revista Educação & Sociedade, ano XX, nº68, Dezembro, 1999.

GIROUX, Henry. **Os professores como intelectuais.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

KRUG, Andréa. **Ciclos de Formação: Uma Proposta Transformadora.** 2ª edição. Porto Alegre, Mediação, 2002.

LIMA, E. S. **Ciclos de formação: uma reorganização do tempo escolar.** São Paulo: GEDH (Grupo de Estudos do desenvolvimento Humano), 1998.

\_\_\_\_\_. **Desenvolvimento e Aprendizagem na escola: Aspectos Culturais, Neurológicos e Psicológicos.** São Paulo: GEDH (Grupo de estudos do desenvolvimento Humano) 1997.

LOWY, Michael. **Marxismo.** In: **Ideologias e Ciência Social: Elementos para uma análise marxista.** São Paulo, Cortez, 1991 p 95-112.

PÉREZ GÓMEZ, A. I. **A Cultura Escolar na Sociedade Neoliberal: A escola como cruzamento de culturas.** Porto Alegre. ARTMED. 2001.

PERRENOUD, Philippe. **Pedagogia Diferenciada: Das intenções à ação.** Porto Alegre, Artes Médicas Sul, 2000.

SAVIANI, Dermeval. **Da nova LDB ao novo Plano Nacional de Educação: por uma outra Política Educacional.** Campinas, Autores Associados, 1998.

VASCONCELLOS, C.S. **Ciclos de formação: um horizonte libertador para a escola do 3º milênio.** São Paulo : Revista da Educação AEC – nº 111, 1999.

\_\_\_\_\_. **Planejamento: Plano de ensino-aprendizagem e Projeto Educativo.** São Paulo: Libertad, 1995.

VERGARA, S. C. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração.** São Paulo : Atlas, 1998.

\_\_\_\_\_. **Sugestão para estruturação de um projeto de pesquisa.** Caderno de Pesquisa. Rio de Janeiro : EBAP/FGV nº 2, 1991.